



Entre a moeda e o milagre: uma leitura semiótica do conto “Entre santos” de Machado de Assis.

Luciano Antonio*

Resumo: Machado de Assis dedicou muito de sua produção ao gênero conto. Ainda que essa sua escrita já venha sendo analisada, alguns textos ainda carecem de maior atenção por parte da crítica especializada. Isso porque se trata de textos polissêmicos à moda irônica do escritor carioca. Um desses casos é o conto “Entre Santos” (2007), que narra, em tom de conto fantástico, a observação que um homem faz de um diálogo entre alguns Santos no altar da igreja. Nessa narrativa encaixada, temos a figura de São Francisco de Sales contando como fora o contato com um fiel que veio lhe pedir a restituição da saúde da esposa em troca de algum esforço não pecuniário. Assim, ao propor a troca, o homem se vê entre os sentimentos de amor à esposa de um lado e de outro demonstra claramente a sua avareza. A exposição desses diferentes estados d’alma é o fio condutor dessa narrativa machadiana. Como se pode observar pelo breve resumo do enredo, além do elemento insólito dessa narrativa, o texto segue aberto a outras análises. Nesse sentido, embora figure entre os Melhores Contos machadianos, acreditamos ainda insuficientes os estudos críticos até agora empreendidos. Sendo assim, escolhemos aqui expor outro viés, mais ligado à leitura semiótica da avareza contida na história narrada pelo Santo.

Palavras-chave: Machado de Assis, conto, semiótica, avareza

Introdução

[...] A mulher ia morrer... ia morrer... ia morrer...
E repetia, a palavra, sem dela sair. A mulher ia
morrer. Não passava adiante.”
“Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda,
girando, girando, girando.”

Machado de Assis

Saudado pela crítica como um escritor das paixões humanas, Machado de Assis dedicou muito de sua produção ao gênero conto. Essa escrita já vem sendo estudada, porém alguns contos ainda merecem maior atenção. Um desses casos é o do texto “Entre Santos” (2007) que, embora esteja nos *Cinquenta Contos de Machado de Assis*, seleção de John Gledson, carece de um olhar mais arguto da crítica. Sendo uma narrativa que possibilita vários olhares, como, por exemplo, a exploração dos elementos fantásticos, optamos por expor aqui uma visão semiótica da avareza contida na história narrada pelo personagem São Francisco de Sales.

O enredo do conto prende a atenção do leitor e, como aponta o próprio título, terá, no seu interior,

um diálogo entre Santos numa igreja. O narrador-personagem que, no momento do fato narrado, era capelão de S. Francisco de Paula, morando ao pé da igreja, um dia, antes de dormir, observa que havia uma luz dentro da igreja. Na apressada busca de descobrir o que havia lá, vai sozinho, e, ao entrar pela igreja, encontra uma cena extraordinária: alguns Santos em tamanho de homens desceram de seus altares e estão em plena palestra. A chegada do narrador parece não perturbar a conversa. Tomado de uma mescla de medo e curiosidade, o capelão põe-se a ouvir o conteúdo dos diálogos. Descobre que estão os Santos a comentar suas impressões sobre as pessoas que estiveram na igreja em busca de ajuda. Por terem o privilégio de penetrar na alma e pensamento dos fiéis, os Santos avaliam as nuances do coração daqueles que por lá estiveram.

Em um dos casos que ganha espaço na narrativa, e que passa a ser o nosso objeto de análise, São Francisco de Sales fala de um homem que veio pedir sua intersecção para salvar a vida da esposa. Sendo esse um avarento por convicção, transforma o pedido em uma espécie de negócio e, tendo a intenção de prometer uma perna de cera, é dissuadido pelo demônio da

* Doutorando / Universidade de Londrina UEL. Endereço para correspondência: (doutorado.uel@live.com).

usura. Através da figura da moeda que teria de dispensar para cumprir tal promessa, resolve oferecer 1000 padres-nossos e 1000 ave-marias em favor do Santo para obter o milagre. A narrativa de São Francisco de Sales termina em risos entre os Santos e o texto do capelão-personagem se encerra estando o dia já claro, abrindo as janelas da igreja para “deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos” (Assis, 2007, p. 392).

Essa breve descrição do enredo tem o objetivo de situar melhor em quais condições se encontra o episódio que será alvo de análise nesse conto machadiano. Tentaremos, com base nos pressupostos teóricos da semiótica das paixões, apontar a construção da avareza e da usura do personagem Sales, descrita pelo Santo de mesmo sobrenome.

Para Greimas e Courtés (1986, p. 12), as paixões podem ser compreendidas como o resultado de uma sequência de “estados de alma”. Eles explicam que a análise das paixões pode ser feita no nível narrativo, através dos arranjos modais. Quatro são os arranjos modais: *o querer ser, o dever ser, o saber ser e o poder ser*. Contudo, cada uma dessas modalidades pode ser desdobrada em quatro posições modais, como, por exemplo, (*quer ser, não querer ser, querer não ser, não querer não ser*).

Essas relações entre o sujeito e o objeto de desejo, dentro de uma análise no nível narrativo, ajudam a entender como podem surgir os sentimentos que movem os personagens. Para Barros (1990), esse modelo de análise, embora seja importante, não dá conta de explicar a configuração dessas paixões. Então, para aprofundar a leitura, torna-se, segundo a autora, necessário observar o discurso, através do estudo dos programas e dos percursos narrativos.

A partir dessa perspectiva, a autora aponta a diferença entre as paixões simples, que são derivadas do arranjo modal oriundo da relação entre o sujeito e o objeto, e as complexas, que são aquelas derivadas de toda uma organização narrativa patêmica anterior. Como exemplo, cita o rancor, que faz pressupor a presença de um estado de espera e de confiança, um estado de decepção, um estado de falta ou de insegurança e aflição, um estado de malevolência e, no fim, culminando com o rancor. Tal leitura pode ser feita a respeito de outros sentimentos que por não serem primários, originam-se de uma sequência de frustrações ou euforias. A respeito desse estado de espera de que fala a estudiosa, torna-se interessante notar que essas oscilações podem partir de um estado de tensão e culminar num relaxamento, como também figurar em caminho inverso, saindo de um estado de não-tensão rumo a uma tensão.

Tratando especificamente do tema que nos move nessa análise, a avareza, vale dizer que essa pode ser caracterizada como uma paixão simples, pois se origina da relação entre sujeito e objeto. Para Barros

(1990, p. 61), esse sentimento decorre da dupla negação da modalização do *querer ser*. Ou seja, se o *querer ser* faz aparecer o desejo, a ambição, a cobiça e o *querer não ser* faz nascer a repulsa, o medo e a aversão, é o *não querer não ser* que gera a avareza, a mesquinhez e a usura.

E para entendermos melhor como a avareza caracteriza o personagem, na abertura da narrativa de São Francisco de Sales, a relação de Sales com o dinheiro é assim descrita:

Que ele é usurário e avaro não o nego; usurário, como a vida, e avaro, como a morte. Ninguém extraiu nunca tão implacavelmente da algibeira dos outros o ouro, a prata, o papel e o cobre. Ninguém os amou com mais zelo e prontidão. Moeda que lhe cai na mão dificilmente torna a sair; e tudo o que lhe sobra das casas mora dentro de um armário de ferro, fechado a sete chaves. Abre-o às vezes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos e fecha-o outra vez depressa; mas nessas noites não dorme, ou dorme mal. (Assis, 2007, p. 388-389).

Em alguns trechos da narração, aparecem outros sinais da avareza desse personagem. Citamos:

Fez enterrar a escrava como pessoa livre e miserável, para não acudir as despesas da sepultura. Pouco embora, era alguma coisa. E para ele não há pouco; com pingos d’água é que se alagam as ruas. Nenhum desejo de representação, nenhum gosto nobiliário; tudo isso custa dinheiro, e ele diz que dinheiro não cai do céu. (Assis, 2007, p. 389).

Para Sales, o dinheiro em si mesmo é o seu objeto-valor e não apenas um objeto modal, aquele utilizado para alcançar outro objeto. Esse aspecto torna-se evidente quando se narra que: “[...] A vida que leva é sórdida; come para não morrer, pouco e ruim.” (Assis, 2007, p. 389).

Pelo trecho acima, vale observar que, antes do fato narrado, ficam pressupostos os sinais da avareza. Sales adquiriu o dinheiro, que lhe é um objeto-valor de dois modos. De um lado, através da usura e, de outro, sacrificando sua vida e dos familiares (não tem filhos), vive com a esposa e uma escrava, alimentando-se apenas com o necessário, para evitar gastos “supérfluos”. Desse modo, pôde acumular mais dinheiro, mantendo-o muito bem guardado, e dele usufruindo apenas o prazer estético de poder observá-lo.

No início da narrativa do Santo, Sales mantém uma relação de dependência com a mulher e, assim, do ponto de vista semiótico, está em conjunção com esse objeto-valor esposa. No momento em que a doença

atinge a mulher, o Santo se vê na iminência de entrar em disjunção com esse objeto-valor, o que o leva à primeira fase, a da manipulação, transmitindo a outro o querer e/ou o dever ser. Na narrativa essa etapa é concretizada pelo pedido que Sales faz ao Santo, caracterizando uma manipulação por tentação. Assim, para alcançar a cura de outro modo que não seja a medicina, já que essa não surtiu efeito e, ainda por cima, custa dinheiro, Sales busca na fé, ou melhor dizendo, numa promessa, o retorno da saúde da esposa, o que nesse programa narrativo restabeleceria o seu estado de conjunção com esse objeto-valor.

Nesse momento, Sales é um sujeito virtual, aquele que não está preparado para ação, algo lhe falta. E também está aqui como um sujeito da espera. Segundo Barros (1990, p. 64-65), o sujeito de espera caracteriza-se pelas modalidades do *querer ser* e do *crer ser*. O sujeito da espera quer entrar (*querer ser*) em conjunção ou em disjunção com um objeto-valor, mas não executará nada para mudar seu estado inicial, já que *espera/acredita (crer/ser)* que outro ser realizará essa mudança de estado que ele ambiciona. A espera pode surgir por dois motivos. O primeiro tipo ocorre quando o sujeito quer entrar em conjunção com um valor. Seria, então, uma *espera objetual*. O segundo modo de espera ocorre porque o sujeito crê poder ter o auxílio para a transformação de estado proporcionada pelo sujeito de fazer. Nesse caso, seria uma *espera fiduciária*, baseada na fé. Outro aspecto interessante a se destacar é que, dependendo do grau de tensão nessa espera, podem surgir outras paixões lexemáticas derivadas. Essas vão da tensão ao relaxamento ou do relaxamento à tensão.

Nessa narrativa machadiana, o sujeito que está incumbido de fazer a *performance* é um Santo. Assim, a questão está envolvida literalmente na fé que o sujeito da espera credita ao sujeito realizador. Por isso, as possibilidades de realização do desejo estão no âmbito do extraordinário, do não-real. Esse aspecto torna-se fundamental para colocar, de um lado, o texto nos caminhos do gênero fantástico e, de outro, contribui para a verossimilhança do conto.

Para realizar o seu desejo momentâneo, o personagem parte para o programa da manipulação, ou seja, busca na fé, através do Santo, a realização daquilo que almeja. Isso porque ele quer fazer, deve fazer, sabe fazer, porém não pode fazer. Nesse caso, o seu não poder fazer se deve ao tipo de desejo, a cura pelo milagre, que não está ao alcance do humano. Na tentativa de induzir o Santo para que esse interceda pelo seu pedido, opta a princípio pela manipulação por sedução. Utiliza-se da promessa de dar ao Santo uma perna de cera como moeda de troca pelo milagre a ser alcançado. Tudo estaria bem encaminhado se não fosse o fato de essa promessa colocá-lo em disjunção com outro objeto-valor, o dinheiro. Tal problema gera um

alto grau de tensão no personagem que fica encerrado no seu íntimo entre optar por um dos dois objetos valorizados. Esse parece ser o ápice da narrativa que, no âmbito do discurso, é descrita pelo enunciador da seguinte forma:

Acabando a oração, ficou Sales algum tempo olhando, com as mãos postas; afinal falou a boca do homem, falou para confessar a dor, para jurar que nenhuma outra mão, além da do senhor, podia atalhar o golpe. A mulher ia morrer... ia morrer... ia morrer... E repetia, a palavra, sem dela sair. A mulher ia morrer. Não passava adiante. Prestes a formular o pedido e a promessa não achava palavras idôneas, nem aproximativas, nem sequer dúbias, não achava nada, tão longo era o descostume de dar alguma coisa. Afinal saiu o pedido; a mulher ia morrer, ele rogava-me que a salvasse, que pedisse ela ao Senhor. *A promessa, porém, é que não acabava de sair. No momento em que a boca ia articular a primeira palavra, a garra da avareza mordia-lhe as entranhas e não deixava sair nada. Que salvasse... que intercedesse por ela...* (Assis, 2007, p. 390, grifo nosso).

Através desse trecho, vale destacar no conto os efeitos discursivos do recurso à narrativa encaixada. Na primeira, por meio da debreagem enunciativa, o capelão se instaura no discurso. Por narrar um fato extraordinário, a conversa entre os Santos, a instalação no enunciado do actante da enunciação, com suas apreciações dos fatos, constrói um efeito de subjetividade, dando ao discurso margem à dúvida, à incredulidade. Por outro lado, dentro desse discurso, há a instauração de outros enunciadores, os Santos que dialogam. Um desses enunciadores é o narrador da segunda história. Como se observa no fragmento citado, a narrativa de São Francisco de Sales se dá ora pela debreagem enunciativa em que ele se coloca no discurso demonstrando sua posição de narrador onisciente ora se dá pela debreagem enunciativa, na qual reproduz as ações, as falas e os pensamentos do personagem. Tal hibridismo expõe a posição de um narrador que, diante de sua onisciência, traça um perfil profundo do personagem, demonstrando todos os movimentos da “alma” de Sales no decorrer da narrativa. Assim, não é o personagem Sales que produz seu discurso, mas o Santo narrador que faz uma leitura dos pensamentos deste. Temos uma espécie de monólogo em forma de diálogo, no qual São Francisco de Sales traduz as palavras a ele dirigidas e que estão na mente do personagem.

Destaca-se, nesse trecho, o momento de ansiedade, o instante em que o personagem deveria optar por entrar em conjunção com um dos seus objetos-valor.

Esse problema aparece no centro da narrativa. A espera pela realização do desejo gerou um alto grau de tensão, ou seja, a tentativa de passagem para o sujeito atualizado na posse do seu objeto-valor trouxe para o personagem um grande desgosto causado pela dúvida. De um lado, na figura “boca do homem”, que remete aos sentimentos nobres de amor, compaixão, o narrador aponta para um discurso que inclina o personagem a estar em conjunção com a vida da esposa. O resgate da saúde da mulher trar-lhe-ia a felicidade de tê-la ao seu lado, tanto pelos anos de convivência, quanto pelos sentimentos positivos que por ela nutria. Por outro lado, a situação requerer-lhe-ia abrir mão, ou em termos da semiótica, colocá-lo-ia em disjunção com o objeto-valor dinheiro. A escolha por um desses objetos poderia levá-lo à satisfação de um desejo, algo positivo, ou seja, conseguiria uma sanção favorável. Contudo, essa mesma satisfação trar-lhe-ia, por consequência, uma sanção negativa em relação a outro objeto-valor, colocando-o, então, novamente em disjunção com esse outro objeto.

No nível discursivo, o narrador-personagem São Francisco de Sales ilustra tal tensão através de figuras que sugerem os temas do texto. Em relação à avareza, no interior do pensamento do personagem da narrativa, temos figuras concretas como “as garras” da avareza “mordendo” as entranhas de Sales (Assis, 2007, p. 390). Assim, a imagem abstrata da avareza, que no dicionário Aurélio tem como definições: “excessivo e sórdido apego ao dinheiro, esganação, ou, falta de generosidade, mesquinhez” (Ferreira, 1999), transforma-se no nível discurso em um animal devorador através de suas garras.

Outra figura que se refere à concretização da avareza pode ser observada no trecho: “No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cera, e logo a moeda que lhe havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda, redonda, luzidia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que os dos castiçais do meu altar, apenas dourado” (Assis, 2007, p. 390-391). Nessa passagem, há os elementos concretos, especificamente visuais, em destaque o formato da moeda, sua cor, seu brilho. Essas figuras apontam claramente para o fascínio que o avaro tem pelo seu objeto-valor, o dinheiro, aqui, visual e cromaticamente representado pela moeda. Outro aspecto a se destacar nesse trecho é a imagem da perna que seria dada ao Santo e significaria prejuízo para o personagem. Essa passa a ser concretamente decepada, destruída, dando lugar a algo de valor para ele, a moeda de ouro que reluz no seu olhar de satisfação. Na narrativa do Santo sobre o desejo de Sales, essa figura ganha espaço e preenche a mirada do personagem. Há que se frisar, também, que a visão da moeda confunde-se com a própria imagem da mulher, ambas companheiras do personagem:

Para onde quer que virasse os olhos, via a

moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. *Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tilintava nos pingentes do lustre.* (Assis, 2007, p. 391, grifo nosso).

Existe, de um lado, a concretização do objeto-valor dinheiro através dos sentidos, tanto a visão como o tato, e, ainda, podemos ler um sincretismo de imagem, com a junção entre a visão da moeda e da esposa, especialmente pelo uso do vocábulo “companheira”. Mesmo que o dinheiro seja também seu companheiro inseparável, tal leitura do termo relacionado à esposa advém do início da narrativa, quando a mulher deste é apresentada: “O mundo não vê que, além de caseira eminente, educada por ele, e sua *confidente de mais de vinte anos*, a mulher deste Sales é amada deveras pelo marido.” (Assis, 2007, p. 389, grifo nosso). Nesse sentido, a palavra “companheira” destacada no trecho acima expõe os movimentos na consciência do narrador dividido entre a companheira-esposa, aquela que estava com ele há anos e fazia parte de sua vida, e, de outro lado, a companheira-moeda, signo do dinheiro com o qual ele também mantinha uma relação de dependência, algo além do valor de troca. Por isso, quando Sales vê a possibilidade de entrar em disjunção com uma dessas companheiras (objetos de valor), há um elevado grau de tensão pela necessidade da escolha, que se arrasta pela narrativa.

Surgem também no texto outros sentimentos ocasionados pela dúvida, pela imposição de ter que optar por um objeto-valor. Através do narrador onisciente, vemos em que estado de ânimo se encontra o personagem:

Agora a súplica dos olhos e a melancolia deles eram mais intensas e puramente voluntárias. Vi-os alongarem-se para mim, cheios de contrição, de humilhação, de desamparo; e a boca ia dizendo algumas cousas soltas, - Deus, - os anjos do senhor, as bentas chagas, - palavras lacrimosas e trêmulas, como para pintar por elas a sinceridade da fé e a imensidade da dor. (Assis, 2007, p. 391).

Podemos verificar que tais sentimentos, principalmente o desamparo, advêm da dúvida, da necessidade de escolha. Esse sujeito cindido no nível da narrativa, na superfície do texto, ora fala pela “boca do homem” ora pela “boca da avareza”. No primeiro caso, que parece ser o do trecho destacado acima, as fraquezas humanas emergem, dando lugar ao desamparo, à melancolia, um sujeito desamparado, em disjunção com

a felicidade. Na citação acima, é o próprio olho que denota tais sentimentos. Além disso, as palavras soltas a que se refere o narrador no trecho acima denotam algo desconexo, subjetivo, saído do interior do personagem. Por isso, o uso dos termos sinceridade e fé definem esse momento de dor do Sales. No segundo caso, em que a avareza toma conta do discurso, surgem imagens concretas da moeda - a sua cor, o seu brilho, a sensação do tato, podendo até tocá-la no ar. As figuras são a do animal com garras e o diabo, como sujeito sórdido. A dúvida em relação a com qual dos objetos de valor o sujeito quer entrar em conjunção, surge no nível discursivo, ora como algo abstrato ora através de imagens, especialmente pela da visão da moeda.

A ansiedade entre escolher o dinheiro ou a esposa atinge o ápice, tendendo para uma intensificação da avareza do personagem:

Só a promessa da perna não saía. Às vezes, a alma, como pessoa que recolhe as forças, a fim de saltar um valo, fitava longamente a morte da mulher e rebojava-se no desespero que lhe havia de trazer; mas à beira do valo, quando ia dar o salto, recuava. A moeda emergia dele e a promessa ficava no coração do homem. (Assis, 2007, p. 391).

As figuras como o valor, o salto, a moeda, apontam para o tema da dúvida, da incerteza, da hesitação. Há aqui, também, a oposição entre a avareza e a abnegação. A primeira é identificada pela moeda que surge no momento da decisão e o impede de agir. Esta imagem funciona como uma espécie de muro que não o deixa pender para os sentimentos de amor e gratidão identificados com a promessa de resgatar a saúde da esposa. Esses sentimentos estão recolhidos ao coração, figura que aponta para uma atitude sentimental, irracional. Já o sentimento de desespero advém da organização narrativa patêmica relacionada à intensificação da dúvida. E essa indecisão parece corroer o personagem, pois a escolha interferiria na sua felicidade, trazendo-lhe o desgosto que ele parece não querer ver concretizado. Assim segue, sendo um sujeito da espera.

Se neste trecho pode ser lida uma inclinação para a escolha do objeto-valor dinheiro, na sequência do texto, há o reequilíbrio, quando a imagem da possível morte da esposa ganha o primeiro plano:

O tempo ia passando. A alucinação crescia, porque a moeda, acelerando e multiplicando-se os saltos, multiplicava a si mesma e parecia uma infinidade delas; e o conflito era cada vez mais trágico. De repente, o receio de que a mulher podia estar expirando gelou o sangue ao pobre homem e ele quis precipitar. Podia estar expirando... Pedia-me que

intercedesse por ela, que a salvasse... (Assis, 2007, p. 391).

Nas primeiras frases do trecho destacado acima, a usura figurativizada pela moeda preenche todo o espaço, dando sinal que prevaleceria na decisão o seu olhar monetário. Não obstante, de repente, a imagem da mulher, identificada pelo tato, com a sensação de frio que o cadáver traz à sua memória, faz com que se incline, precipite-se para a escolha, para o salto. Todas essas imagens chegam à categoria da alucinação, derivadas, também, da opressão pela passagem do tempo.

Essas figuras e temas que trazem à tona esses dois objetos (a moeda e a esposa), imprimem na narrativa, em seu nível mais profundo a avareza em oposição semântica ao desprendimento. Assim, o percurso narrativo do personagem em conflito com dois objetos de valor, representados pelas figuras, funciona como índice dessa oposição semântica fundamental que perpassa todos os níveis do texto.

Na sequência da narrativa, o tema da avareza ganha novo capítulo. A pressão aumenta e o personagem procura uma espécie de terceira via: "Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas" (Assis, 2007, p. 391). O sentimento de avareza se superpõe através da astúcia figurativizada pelo diabo. Essa figura a representar a avareza carrega em si, nesse contexto, dois aspectos. Primeiramente, a inteligência, o cálculo, a matemática, que parece "solucionar o problema" do personagem. Por outro lado, também possui uma carga negativa: ilustra que o apego ao dinheiro se superpõe ao desprendimento material demonstrado na primeira promessa em que o personagem abriria mão de algumas moedas para dar ao Santo uma perna de cera em troca do restabelecimento da saúde da sua mulher.

Se a disjunção com o objeto-valor saúde da esposa parece ter ganhado outro alento, a mudança de expectativa do personagem não foi ocasionada pela *performance*. Apenas houve outro modo de manipulação. Embora continue sendo uma manipulação por sedução, a mudança do conteúdo da promessa passa a alterar também o tom da negociação com o Santo. A princípio, essa nova oferta sugeriria um valor mais profundo, uma espécie de penitência, um esforço, um comprometimento com a fé, algo que teria maior peso com o Santo, já que esse pressupõe tal atitude do fiel. Contudo, vem a pergunta: por que Sales não o fez logo quando se dirigiu ao templo? A resposta está na sua profunda avareza. O raciocínio de Sales ao entrar na igreja, devido tanto a sua avareza como a sua usura, o conduz à negociação. Para tentar garantir a realização de seu desejo, oferece, inicialmente, um bem material que representaria seu sentimento pela

esposa. Ao perceber que sua avareza o impediria de concretizar tal negócio, resolve mudar de estratégia. O seu pensamento de usurário, porém, fica mantido. Se o seu amor pela esposa não é maior que aquele dedicado ao dinheiro, o seu esforço pessoal se torna vultoso e deve substituir o aspecto monetário:

Que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos, — não menos — trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias. E repetia enfático: trezentos, trezentos, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias. Não via esta soma escrita por letras do alfabeto, mas em algarismo, como se ficasse assim mais viva, mais exata, e a obrigação maior também a sedução. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do senhor... 1000 - 1000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto que encheram a igreja de alto a baixo, e com eles, crescia o esforço do homem e a confiança também: a palavra saía-lhe mais rápida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil, mil... (Assis, 2007, p. 391).

Podemos dizer que a manipulação por sedução atinge o ápice, tamanha a repetição dos algarismos da promessa. A reza passa a ter um valor monetário para o personagem. O raciocínio é próprio de um usurário, de um negociante. Aumentar a quantidade de orações de três para quatro algarismo é o sinal do seu dispêndio e também do que tinha de apreço pela esposa. Assim, vale notar que não se pode saber se o número de padre-nossos e ave-marias é devido ao amor pelo objeto-valor vida da esposa, do qual ele se encontra em disjunção, ou se o seu sentimento de usurário o motiva a fazer sempre um bom negócio, já que a realização dessa promessa advém de outro tipo de esforço, não o monetário. O olhar de Sales para o mundo parece ser o de alguém com óculos cuja lente é monetária. Esse objeto dinheiro passa a ser algo mais que valorizado e o personagem, uma espécie de caricatura do avaro.

Nesse sentido, também a promessa funciona como simulação. Ao buscar um milagre, algo não científico, Sales constrói para si tanto a necessidade que o Santo teria de receber algo material para realizar o seu pedido, como também o modo pelo qual o faria para concretizar esse dispendioso pedido. E mesmo quando o diabo da avareza lhe persuade a não gastar o dinheiro e prometer algo que fosse mais excelso, a oração, Sales também simula que o sacrifício deva ser vultoso para ser alcançado. Desde o início, como aponta o narrador, a ida à igreja se aproxima de uma visita a uma agência bancária, em que o Santo corresponderia ao gerente do banco. Tal aspecto está impresso no princípio da narrativa de São Francisco de Sales:

Quando pensou em vir pedir-me que intercedesse pela vida da esposa, Sales teve uma idéia específica de usurário. [...] E não foi só a usura que falou, mas também a avareza; porque em verdade, dispondo-se à promessa, mostrava ele querer deveras a vida da mulher — intuição de avaro; — despendar é documentar: só se quer de coração aquilo que se paga a dinheiro. Disse-lhe a consciência pela boca escura. (Assis, 2007, p. 390).

O personagem utiliza-se de uma estratégia marcadamente financeira para tratar de algo sentimental. Por esse viés, a falta de saúde da esposa é encarada como um problema a ser negociado com o Santo. A disjunção com o objeto-valor (saúde da mulher) só poderia ser recuperado pelo poder fazer do Santo mediante pagamento, e não de um milagre pela fé espontânea. E tal pensamento foi proferido pela boca escura, uma figura usada pelo narrador ao longo do texto para se referir ao pensamento avaro do sujeito. Contudo, antecipando o que vinha pela alma do personagem, o Santo, apesar dessa “falha” no caráter de Sales, observa que algo positivo há dentro do seu coração e o defende para os ouvintes: “Não te espantes, Miguel; naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botânica sentimental tem dessas anomalias. Sales ama a esposa.” (Assis, 2007, p. 389).

Esse amor está demonstrado não na manipulação pela sedução da promessa através da oração e, sim, pela organização narrativa patêmica impressa no texto. Como apontamos, destacou-se a angústia do personagem avaro em ter que abrir mão desse objeto-valor. A figura da flor entre o muro da avareza mostra que essa flor do sentimento nobre de salvar a esposa parece representar que, por trás daquele olhar monetário, há um coração que fala pelo personagem. Entre as várias plantas que formam a botânica sentimental, ou seja, entre o mosaico de sentimentos, existem aqueles que conseguem sobreviver, mesmo em condições totalmente adversas. Esse é o caso de Sales, pois, apesar da avareza, há outros sentimentos mais nobres, ou seja, sempre há uma flor a nascer onde não se espera. Essas figuras apontam para a valorização desse sentimento dentro do sistema deontológico construído no texto. Ou seja, se a avareza leva à negociação e, conseqüentemente, à angústia da perda, o desprendimento material levaria a uma valorização da vida enquanto bem inestimável.

E a partir dessa perspectiva, o Santo, no seu papel de sujeito realizador, aponta antecipadamente a sua sanção cognitiva positiva: “Tu, João Batista, e tu também, Francisco de Paula, e todos vós haveis de sorrir comigo; e, pela minha parte; posso fazê-lo, pois já intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta pessoa.” (Assis, 2007, p. 387). Nesse

trecho fica clara a nobreza do Santo e o anúncio de um fato ao mesmo tempo trágico e cômico. Essa risada, sabemos, será dada muito depois dos momentos de tensão ocasionados pela dúvida mortificadora do personagem.

Com esse anúncio antecipado, aquilo que se narrou no texto foram os momentos que antecederam essa sanção. Temos, assim, o destaque para a manipulação que ganha maior espaço na narrativa, apontando para a alma do homem como uma espécie de palco em que são encenados vários espetáculos.

Aqui também vale ressaltar dois aspectos importantes. O primeiro é o surgimento da técnica da narrativa encaixada. Machado de Assis constrói, dentro de um conto que hesita entre a realidade e a fantasia, outra narrativa que coloca em destaque a humanidade do personagem. Assim também consegue realizar um texto que tem como marca a penetração na alma humana. O uso de um Santo enquanto um dos narradores, tendo como premissa sua capacidade de olhar não só os aspectos externos como os pensamentos, desejos e outros elementos internos dos personagens, traz ao texto a possibilidade de uma leitura verossímil.

O que se destaca é a análise do homem enquanto sujeito complexo portador de sentimentos ou paixões paradoxais. Vale frisar, também, os recursos narrativos utilizados por Machado para descrever o movimento da alma. Sendo o narrador um Santo, cujo recurso de ingressar nos meandros dos sentimentos humanos lhe é “natural”, o seu depoimento carrega-se de verdade a ser aceita pelo leitor. Desse modo, o diálogo entre os santos, que, a princípio, traz estranhamento, num segundo nível de leitura torna-se elemento fundamental para a construção da verdade narrativa.

Podemos destacar, também, a utilização de figuras

que ilustram as diferentes manifestações dos sentimentos presentes nas ações do personagem Sales. Tais imagens contribuem para a visualização dos elementos abstratos e dão vida a essas paixões humanas.

Por fim, merece nossa consideração o uso do paradoxo enquanto recurso para ampliar o horizonte de expectativas do leitor. Machado constrói um texto que coloca em xeque a visão unilateral do homem. Desse modo, o personagem Sales se vê no interior de duas possibilidades ou de duas paixões contraditórias: o amor pela esposa, que deve ser superior a qualquer outro sentimento, e, de outro lado, o amor pelo dinheiro, que é para ele tão ou mais importante que a vida da esposa. Assim, o conto explora a dificuldade do homem em escolher entre esses dois objetos de valor e, com isso, expõe o quão são relativos os valores sociais. ●

Referências

- Assis, Machado de. 2007. *50 contos de Machado de Assis: seleção, introdução e notas de John Gledson*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Barros, Diana Luz Pessoa de. 1990. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico, Porto, n. 11/12*, 60-73.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 1999. *Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph et al. 1986. *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. HU Linguistique. Hachette Éducation.

Dados para indexação em língua estrangeira

Antonio, Luciano

Between money and the miracle: a semiotic reading of Machado de Assis' short story "Entre santos"

Estudos Semióticos, vol. 9, n. 2 (2013)

ISSN 1980-4016

Abstract: *Machado de Assis wrote a considerable amount of short stories. Although his writings have been widely studied, some of his short stories have not yet received due attention from the specialized critique, because of their typical polysemous irony. One of such stories is "Entre santos" (2007), a tale of mystery about a man who witnesses some saints chatting at an altar. In this narrative, St. Francisco de Sales reports his contact with a worshipper interested in his wife's physical recovery in exchange of some effort involving no pecuniary loss. On proposing the exchange, the worshipper is torn between his love for his wife and his avarice. The story focusses on the evolution of the man's feelings. As the outline of the unusual plot suggests, the text remains open to further analysis. Despite the fact that this short story is considered one of Machado's best productions, we believe it has been insufficiently studied, so far, and propose a semiotic reading of the feelings related to avarice in the story told by the Saint.*

Keywords: *Machado de Assis, short story, semiotics, avarice*

Como citar este artigo

Antonio, Luciano. Entre a moeda e o milagre: uma leitura semiótica do conto "Entre santos" de Machado de Assis.. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 62-68. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 04/Outubro/2012

Data de sua aprovação: 25/Março/2013
